

Resumo:

Este trabalho discute as práticas juvenis de lazer na Ramadinha, situada na cidade de Campina Grande-PB. De acordo com suas características infraestruturais, a localidade pode ser considerada como aglomerado subnormal, de acordo com o neologismo utilizado pelo IBGE para classificar as situações de moradia marcadas pela precariedade na infraestrutura. Situada na zona oeste do município de 400 mil habitantes, a Ramadinha é fruto de ocupação irregular, existe há 36 anos e tem 3400 moradores. Seus moradores são constantemente estigmatizados pelos discursos midiáticos e dos cidadãos de outros bairros da cidade que os acusam de serem “maconheiros” e “criminosos”, praticantes de crimes recorrentes no cotidiano da cidade, a exemplo de roubos e furtos. Entre os que veem recair sobre si as marcas da “desqualificação social”, os jovens são os primeiros e principais destinatários de tais preconceitos. A pesquisa que serviu de base para esse trabalho foi desenvolvida a partir da observação direta das práticas juvenis de lazer no espaço geográfico da Ramadinha, através de entrevistas semi-estruturadas com duas dezenas de interlocutores de ambos os gêneros. Os resultados das análises apontam que o forte estigma que atinge os jovens da Ramadinha tem funcionado como elemento de controle que limita o acesso desses aos equipamentos e, por conseguinte às práticas de lazer existentes em parques e praças situados além dos limites da “favela”. No interior desta, vários são os caminhos construídos pelos jovens na busca do prazer, esse elemento singular, cuja busca/realização marca as práticas de lazer. Caminhar em grupo pelas ruas da Ramadinha “jogando conversa fora”, ir às lanchonetes após o culto religioso, jogar bola no campo de várzea construído pelos moradores, jogar bola em frente de casa, paquerar na saída da igreja, assistir filme e programa de televisão com amigos, sentar-se nas cadeiras em frente a casa para ver o tempo passar, ir a churrascos, participar de aniversários e batizados são algumas das atividades de lazer das quais os jovens participam no cotidiano da localidade. Para além das práticas “espontâneas” de lazer das quais participam, existem muitas atividades de lazer organizadas pelos moradores, através de trabalho voluntário e regular que viabilizam cursos de dança com frequência semanal, cursos de karatê, escolinhas de futebol, etc.

Palavras-chaves: Jovens, lazer, periferia.

Descobrimo o cenário da pesquisa

Este artigo discute a intercessão entre juventudes, sociabilidades e práticas de lazer numa comunidade da cidade de Campina Grande³-PB. A pesquisa que serviu de

¹¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 9 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

² Antropólogo. Doutor em Ciências Sociais pela Paris-Descartes (Sorbonne) Professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

base para elaboração desse texto foi realizada durante os anos de 2016 e 2017 e contou com aporte financeiro do Conselho Nacional de Pesquisa Científica (CNPq), através de concessão de Bolsa⁴ de Pesquisa e foi devidamente aprovada pelo Comitê de Ética Universidade Federal de Campina Grande. Além de inúmeras incursões etnográficas, entrevistamos quinze moradores de gêneros e gerações diferentes.

Ao desenvolver pesquisa sobre as práticas de lazer numa localidade pobre e estigmatizada pelas constantes acusações de parte da mídia da cidade de ser local de moradia de muitos suspeitos de crimes praticados na cidade e no seu entorno, tentamos não ficar reféns de clichês preconceituosos que produzem visões e sensibilidades sobre a localidade e seus moradores, particularmente os jovens.

A Ramada, como a Ramadinha é carinhosamente chamada por seus moradores, é alvo de preconceitos de classe e racial dos habitantes de outros bairros da cidade. Comumente referida como favela, ela sofre as marcas do estigma social e da precariedade das condições de infraestrutura e socioeconômicas. Segundo a definição do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, doravante IBGE, em seu “Censo Demográfico 2010. Aglomerados subnormais. Primeiros resultados”, aglomerado subnormal é toda e qualquer

Ocupação ilegal da terra, ou seja, construção em terrenos de propriedade alheia (pública ou particular) no momento atual ou em período recente (obtenção do título de propriedade do terreno há dez anos ou menos); e Possuírem pelo menos uma das seguintes características: urbanização fora dos padrões vigentes - refletido por vias de circulação estreitas e de alinhamento irregular, lotes de tamanhos e formas desiguais e construções não regularizadas por órgãos públicos; e precariedade de serviços públicos essenciais.

E ainda,

Os Aglomerados Subnormais podem se enquadrar, observados os critérios de padrões de urbanização e/ou de precariedade de serviços públicos essenciais, nas seguintes categorias: a) invasão; loteamento irregular ou clandestino; e c) áreas invadidas e loteamentos irregulares e clandestinos regularizados em período recente.

Aglomerado subnormal, eufemismo utilizado pelo IBGE em suas publicações, já que o termo favela carrega marcas históricas das visões negativas que foram sendo

³ A cidade está localizada a 120km da capital João Pessoa. A população estimada é de quatrocentos e dez mil habitantes. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/campina-grande/panorama>. Acesso em 15 de maio de 2018.

⁴ Monalisa Castro foi bolsista de Iniciação científica e auxiliar de pesquisa.

atribuídas e incorporadas ao longo de mais de um século⁵, desde o surgimento da mesma, no final do século XIX, na então capital da República: Rio de Janeiro.

Contudo, a suavização do termo não esconde as duras condições às quais as populações dos “aglomerados subnormais” vivem no Brasil. De acordo com o último Censo realizado pelo IBGE, em 2010, acima referido, o Brasil possuía 11.425,644 pessoas residindo em 6.329⁶ favelas. No estado da Paraíba eram 130.927 habitantes que moravam em 90 favelas, ao passo que em Campina Grande se tinha 29.039 pessoas residindo em 18 aglomerados subnormais, entre os quais o da Ramadinha.

O termo comunidade é aqui tomado no sentido atribuído por (NISBET, 1967:48): “uma fusão de sentimentos e pensamentos, de tradição e compromisso, de adesão e volição. Pode ser encontrado em, ou expressar simbolicamente, localidade, religião, nação, raça, idade, ocupação...” ou ainda no sentido empregado por (WEBER, 1987: 77) para quem comunidade é “uma relação social na medida em que a orientação da ação social, na média ou no tipo-ideal, baseia-se em um sentido de solidariedade: o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes”.

Não se trata de se filiar a conceitos de comunidade que a classificam como estanques. Muito pelo contrário, pensando na esteira das reflexões propostas por (TÖNNIES 1995) para quem a comunidade pode se estabelecer a partir de laços de parentesco, de vizinhança e de amizade, consideramos que a comunidade da Ramadinha apresenta características semelhantes àquelas presentes na sociedade campinense, quais sejam, multiplicidade de grupos e de práticas. Logo, para além de um sentimento comum de pertencimento, seus moradores têm “consciência empírica” das diferenças presentes entre os habitantes. Inserida numa sociedade complexa, tal como a brasileira, nesse início do século XXI, a Ramadinha parece se enquadrar bem naquilo que (BAUMAN, 2003: 62) afirma, qual seja,

Comunidade, cujos usos principais são confirmar, pelo poder do número, a propriedade de escolha e emprestar parte de sua gravidade a que confere “aprovação social”, deve possuir os mesmos traços. Ela deve ser tão fácil de decompor como foi fácil de construir. Deve ser e permanecer flexível, nunca ultrapassando o nível “até nova ordem” e “enquanto for satisfatório.

Portanto, pensamos a comunidade lócus deste como conjunto de indivíduos residentes que partilham de valores, sentimentos e práticas comuns, sem contudo, deixarem de se relacionar com indivíduos e grupos de outras localidades, o que faz da

⁵ Ver a respeito VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela. Do mito de origem a favela.com**, Rio de Janeiro: Editora FGC, 2005.

⁶ Op. Cit. pg. 57

Ramada uma unidade aberta a muitas influências. Para usar uma metáfora, afirmamos que enquanto comunidade a Ramadinha é semelhante às geleiras, ora firme como rocha, ora fluída como água.

Situada na zona oeste da cidade, a Ramadinha se localiza entre os Bairros de Bodocongó, Serrotão e Malvinas. Composta por 3.270 moradores, cuja maioria enfrenta duras condições de existência no seu cotidiano, seja em decorrência das precárias condições de infraestrutura do bairro ou como consequência dos empregos e trabalhos de baixa qualificação profissional e remuneração, a exemplo de serventes de pedreiro, empregadas domésticas, vendedores de frutas, porteiros, carroceiros, flanelinhas, atendente de telemarketing, feirantes, etc.

Cotidiano, estigma e violência

Estima-se que 41% da população da Ramadinha são de jovens. A noção de jovens com a qual trabalhamos aqui se aproxima das observações realizadas por (PAIS, 1990:163) sobre culturas juvenis: “sistema de valores socialmente dominantes atribuídos à juventude (tomada como conjunto referido a uma fase da vida), isto é, valores a que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais”.

Tal como os demais grupos de moradores da favela em tela, os jovens veem recair sobre si as marcas classificatórias da discriminação social e dos preconceitos geográfico e de origem. No dia a dia eles sentem de maneira indelével os olhares e acusações de práticas maledicentes de serem potencialmente suspeitos de furtos, roubos, homicídios e tráfico de drogas, etc.

Constantemente expostos a tais classificações, os moradores desenvolvem práticas de reação aos estigmas. Por vezes se opondo a eles; outras vezes, assumindo atitudes de resignação. Em situação vivida por nós durante a pesquisa, acompanhamos uma jovem da localidade ao Instituto Médico Legal (IML), para tentar a liberação do corpo de seu parente de pouco mais de 20 anos, que havia sido morto em situação de violência urbana. Frente à recusa do funcionário do IML, que argumentava que o corpo só poderia ser liberado na manhã do dia seguinte, uma vez que ainda não havia sido necropsiado, a jovem comentou conosco que aquilo só ocorria porque eles eram moradores da favela.

Em outra situação à qual tivemos acesso, durante o planejamento de casamento de uma jovem da comunidade com um rapaz oriundo de outro bairro, esse afirmou que não pretendia fixar residência na Ramadinha, pois ali era muito desvalorizado. Ora,

certamente a avaliação do jovem nubente não considerava apenas os aspectos imobiliários das casas locais, mas provavelmente, também incluía as marcas negativas atribuídas aos seus moradores.

Inegavelmente, as marcas do preconceito e dos estigmas ajudam a definir a relação dos moradores da Ramadinha com os residentes em outros bairros da cidade e, por conseguinte afetam as maneiras como esses mesmos se autopercebem e vice-versa. Todavia, é preciso ressaltar que as percepções de outros e as autopercepções não se configuram exclusivamente a partir de tais elementos identitários (estigmas), mesmo que muitas vezes esses possam assumir lugar de destaque no processo.

Quando elegemos o estudo das formas de interação expressas através do lazer, não procuramos fechar os olhos para a incidência dos casos de violência que atingem os moradores da Ramadinha, pois concretamente eles ocorrem em proporções semelhantes aquelas que têm lugar em bairros pobres e desassistidos pelos poderes públicos.

Numa das entrevistas realizadas com um comerciante da localidade, o mesmo relatou que no último ano o seu “mercadinho” havia sido assaltado três vezes e ele sequer havia prestado Boletim de Ocorrência, pois a polícia não “resolvia nada”. Portanto, não se trata de romantizar ou negar a prática de furtos, roubos, assaltos ou a presença de pontos de comércio drogas ilícitas, a exemplo de maconha e crack. Antes, se trata de considerar a existência e a influência de tais eventos no cotidiano da Ramadinha, sem, contudo, reduzir as dinâmicas das interações cotidianas que seus moradores estabelecem a essas variáveis. A incidência de práticas delituosas é reconhecida por vários de nossos interlocutores, que indicam inclusive, como essas influenciam em seu cotidiano no bairro. Bernardo⁷ e Laura, por exemplo, afirmaram que deixaram de frequentar a pastelaria e de colocar cadeiras do lado de fora da casa no início da noite para conversar com vizinhos, respectivamente, por causa dos relatos constantes sobre casos de violência na comunidade.

Se a presença da violência é reconhecida por parcela considerável de nossos entrevistados, a fonte de tais inquietações e medos é igualmente apontada. Tal como outrora, no momento “áureo”, do surgimento das primeiras habitações na localidade, o tempo da infância de Diana, quando “tudo ainda era mato” e “não havia violência”, hoje, também não são os moradores da Ramadinha que praticam tais crimes. O “mal”, acreditam muitos moradores, vem de fora e por vezes passa a viver nas proximidades.

⁷ Os nomes dos interlocutores foram substituídos por pseudônimos.

Rodolfo e Fabrícia apontaram que a construção do conjunto habitacional João Paulo II, no quadro do Programa Minha Casa Minha Vida, na vizinhança da favela e conseqüentemente a chegada de pessoas oriundas de vários lugares da cidade como causa para a presença da violência que perturba os moradores da Ramadinha no dia a dia.

Práticas de lazer na Ramadinha

É curioso e revelador perceber que a Ramada tem mais de 34 anos de existência “oficial” e que persistem situações de precariedade infraestruturais na comunidade. Poucas são as ruas com asfaltamento, não existem espaços públicos estatais destinados às práticas de lazer, a exemplo de praças, clubes, ginásios, campos de futebol, academias ao ar livre, etc. Entretanto, como veremos ao longo deste texto, tais dificuldades não constituem impedimentos à emergência de práticas de interação entre os moradores da localidade, notadamente daquelas que se produzem no espaço público das ruas, bem como no interior das residências e associações, a exemplo das atividades de lazer.

Nosso estudo investigou as atividades de lazer praticadas pelos moradores na Ramadinha. As atividades relatadas pelos interlocutores como tendo sido praticadas longe do espaço geográfico da favela foram consideradas na justa medida em que ajudaram a compreender as razões do afastamento da localidade, seja por motivos de ausência de equipamentos públicos ou por circunstâncias outras.

Seguindo sugestão de Magnani (2008), procuramos identificar e compreender cenários, atores e as regras que dão sentido às práticas dos atores sociais.

A Ramadinha, tal como a cidade da qual faz parte, é espaço multifacetado, vivido e praticado pelos indivíduos e grupos que a habitam de distintas maneiras. Espaço fragmentado em permanente processo de transformações, de (re) significações. Pensar em práticas de lazer nesse universo plural implica em se propor a identificar e compreender àquelas atividades cujo objetivo é estar junto, sem uma utilidade imediata, aparente ou das quais possam resultar um produto materializável. Em tais ocasiões os indivíduos estabelecem formas de interação, novos contatos e/ou fortalecem laços sociais já existentes. Como observa (SIMMEL, 2006, p. 64),

Quando os homens se encontram em reuniões econômicas ou irmandades de sangue, em comunidades de culto ou bandos de assaltantes, isso é sempre o resultado das necessidades e interesses

específicos. Só que, para além desses conteúdos específicos, todas essas formas de socialização são acompanhadas por um sentimento e por uma satisfação de estar justamente socializado, pelo valor da formação da sociedade enquanto tal.

As práticas de lazer dizem respeito às atividades que podem e devem ser pensadas enquanto constructos sociais, que exprimem formas distintas de interação, espécies de ligas que unem indivíduos e grupos que constroem e dividem ações e sentimentos nesses momentos. E, como bem ressalta (MAGNANI, 2003:19) “Entretenimentos[...] podem constituir uma via de acesso ao conhecimento dos valores, da maneira de pensar e do modo de vida dos trabalhadores”. Assim, é interessante considerar as atividades de lazer na comunidade da Ramadinha como expressões difusas e complexas de seus moradores. Em muitas das abordagens teóricas que procuram analisar o lazer, esse aparece em maior ou menor grau vinculado às atividades laborais. Para (MARCUSE, 1981:50), por exemplo, "o lazer seria uma alienação, uma ilusão de auto-satisfação das necessidades do indivíduo, porquanto estas necessidades são criadas, manipuladas pelas forças econômicas da produção e do consumo de massa, conforme o interesse de seus donos”. Embora guarde certa distância de perspectiva de Marcuse, (DUMAZEDIER, 1973:94), pensa o lazer como atividade realizada pelos indivíduos depois que se livram das obrigações profissionais e familiares.

Será mesmo que no caso das atividades de lazer desenvolvidas na Ramadinha os indivíduos necessariamente precisam se livrar de suas responsabilidades profissionais e familiares para só então praticar lazer? Ou ainda, as atividades de lazer se reduzem às ilusões criadas pela lógica mercadológica, que servem para alienar seus praticantes? Antes de nos determos na busca das respostas, é importante ressaltar que Dumazedier e Gutierrez (2001) destacam que a “inseparabilidade” das relações de trabalho e de lazer faz parte dos paradoxos da construção do campo de estudo sobre lazer. Nas próprias relações cotidianas, certamente as atividades consideradas uteis e aquelas realizadas durante o “tempo livre” não parecem estar tão dissociadas como Marcuse acredita. Assim, são práticas como essas, cotidianas, que podem servir de guias para o pesquisador “estrangeiro” conhecer as redes de relações estabelecidas pelos cidadãos de determinada localidade. Pois, como observa o antropólogo paranaense,

O lazer está nos antípodas daquilo que se considera o lugar canônico da formação da consciência de classe, ocupar parte mínima do tempo do trabalhador e não apresenta implicações políticas explícitas. Atividade marginal, instante de esquecimento das dificuldades cotidianas, lugar enfim de algum prazer – mas talvez por isso mesmo possa oferecer um ângulo inesperado para compreensão de sua visão de mundo: é lá que os

trabalhadores podem falar e ouvir sua própria língua. (MAGNANI, 2003:30).

Para uma boa compreensão da perspectiva indicada pelo antropólogo da Universidade de São Paulo, é importante ter em mente que no momento de escrita de sua tese ele se dirigia também a interlocutores ligados ao estudo do mundo do trabalho, alguns dos quais haviam lhe aconselhado a estudar alguma coisa séria, daí o contraponto feito ao trabalho e o relevo colocado no lazer como expressão singular de “iguais”, que podem, no seu “pedaço”, falar sua “própria língua”. E, por mais que algumas décadas nos separem do momento em que a tese de Magnani veio à luz, muitos intelectuais das Ciências Sociais continuam hierarquizando objetos de estudo de acordo com o que suas crenças políticas lhes levam a crer que seja mais relevante.

Pensar as relações de lazer e trabalho na Ramadinha nos ajuda a refletir sobre as diversas atividades praticadas pelos moradores da localidade. Ali, conforme observamos, as atividades de lazer necessariamente não se desvinculam de atividades ou são praticadas em momentos distintos daqueles dedicados às atividades ditas úteis, produtivas.

Durante a realização da pesquisa, não foram poucas as vezes que nos deparamos com grupo de homens e mulheres jogando dominó nas portas de bares ou em frente as casas. Eram grupos de 4 jogadores por vez, enquanto outros aguardavam para entrar na cena do jogo. Alguns dentre eles voltavam do trabalho, outros estavam desempregados ou eram aposentados, mas havia ainda os que jogavam enquanto trabalhavam atendendo a clientela, a exemplo da dona da barraca em frente ao Clube de Mães da comunidade, cujo jogo de dominó se estende por boa parte da tarde, até o pôr do sol.

O lazer de fato pode constituir uma fuga das atividades mais regulares do cotidiano, especialmente daquelas que obrigam os indivíduos a permanecer por longas horas em ambiente de trabalho distante de suas moradias, mas isso não faz dele uma situação de alienação e de incompreensão sobre o que ocorre em “outras esferas” da vida social. As práticas de lazer não podem, creio eu, ser reduzidas a programações da sociedade capitalista com fins de manipular os trabalhadores ou mesmo de reduzir essas atividades à mercadorias que precisam ser compradas. Evidentemente não se pode perder de vista que as sociedades capitalistas têm cada vez mais avançado na direção de tornar muitas formas de diversão fontes de consumo e, portanto, bens a ser comprados. Todavia, muitas atividades de lazer são atividades “marginais” à ordem capitalista. A

pichação praticada por jovens das periferias em muitas cidades brasileiras é, indiscutivelmente, uma atividade de busca de prazer e de contestação por parte da juventude que pratica e demarca os espaços da cidade de maneiras inversas àquelas que a lógica higienista burguesa deseja. Os jogos de dominó que ocorrem diariamente em frentes de várias casas e de pequenos comércios na Ramada nada tem de útil no sentido de produtividade capitalista. A prática de conversar sentado nas cadeiras, no “terreiro” em frente às casas, também é uma maneira de estar junto com vizinhos, de interagir e viver o chamado “tempo livre”.

Comumente vistas como secundárias por muitos autores, as práticas de lazer assumem lugar de destaque na vida de alguns dos interlocutores com os quais conversamos. Esaú nos relatou que joga sinuca todos os dias, manhã e tarde. Pela manhã ele chega ao bar por volta das 9h da manhã e fica até às 11:30h, quando se “lembra do comer e corre pra casa”. Depois do almoço, ele “já fica com vontade de voltar, de ir de novo” pra o jogo. Atividade regular na vida de Esaú e de muitos de seus parceiros, tida como improdutiva a partir da perspectiva que procura pensar as relações humanas circunscrevendo seu centro às atividades laborais.

Os jogos de dominó e de sinuca praticados por Esaú, bem como outras atividades praticadas pelos moradores da Ramada podem ser pensadas como atividades de lazer, em consonância com a definição apontada por (DUMAZEDIER, 1973:94):

Conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora”

Tais como os jogos acima citados, os de futebol e de “bola de gude”, realizados em frente as casas ou nas ruas da Ramada e comumente praticados por grupos de meninos são habituais no dia a dia de crianças e jovens na Ramada.

Os jogos são formas de interação entre os atores sociais que expressam dimensões múltiplas das sociabilidades cotidianas. Neles, muitas coisas estão em jogo, inclusive a busca pelo prazer. Para (HUIZINGA, 2012: 3-4),

..O jogo é mais do que um fenômeno fisiológico ou um reflexo psicológico. Ultrapassa os limites da atividade puramente física ou biológica. É uma função significante, isto é, encerra um determinado sentido. No jogo existe alguma coisa ‘em jogo’ que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação. Todo jogo significa alguma coisa. Não se explica nada chamando ‘instinto’ ao princípio ativo que constitui a essência do jogo; chamar-lhe ‘espírito’ ou ‘vontade’ seria dizer demasiado. Seja qual for a maneira como o considerem, o simples fato de o jogo encerrar um sentido implica a presença de um elemento não material em sua própria essência.

Os jogos não se limitam às motivações lógicas de nossa cultura, no sentido estrito de racionalidade instrumental que visa sempre atingir fins específicos, pois, “se brincamos e jogamos, e temos consciência disso, é porque somos mais do que simples seres racionais, pois o jogo é irracional” (HUIZINGA, 2010, p. 6). E, aqui vale destacar que “todo jogo é um sistema de regras que definem o que é ou o que não é do jogo, ou seja, o permitido e o proibido” (CAILLOIS, 2017; 19). E mais, o jogo combina liberdade, intervenção, acaso e destino. “O jogo e a arte nascem de um excesso de energia vital, da qual o homem ou a criança não precisam para a satisfação de suas necessidades imediatas e que usam para a imitação gratuita e agradável de comportamento reais” (Idem; 2017: 251)

A existência de regras sociais que delimitam as ações possíveis durante os jogos, bem como o uso do excesso de energia vital nos leva a pensar na dupla marca das atividades lúdicas e, por conseguinte nas práticas de lazer. No importante trabalho de Gutierrez (2001), ele consegue demonstrar bem a estreita relação entre as dimensões individuais e sociais presentes nas práticas do lazer.

A atividade de lazer é essencialmente uma opção íntima, individual, regida pela liberdade. constitui um espaço da vida em que a personalidade de cada um [...] manifesta-se com maior autonomia do que em qualquer outro espaço da vida em sociedade. Assim sendo, o lazer constitui uma dimensão profundamente significativa da existência humana e ilustrativa do social. (GUTIERREZ, 2001: 9).

A prática de lazer implica na busca pelo prazer, a partir das percepções que cada segmento social constrói. Portanto, a liberdade dos indivíduos nesse cenário, como em outros, consiste no exercício de autonomia de escolher entre as atividades de lazer existentes e disponíveis em cada situação social, àquelas que mais lhe agradam. E, como assevera (CAILLOIS, 2017:212) “o prazer é feito de excitação e de ilusão, de desorientação consentida, de quedas interrompidas, de choques amortecidos, de colisões inofensivas”. A busca pelo prazer, sem que esse necessariamente seja alcançado em todas as situações é que marca o lazer. Gutierrez ilustra bem essa afirmação, ao citar como exemplo um torcedor que vai assistir a uma partida de seu time preferido e acaba vendo sua equipe sair derrotada. Ele não sentirá prazer com o resultado, mas indubitavelmente, ele o buscou e por isso realizou atividade de lazer.

Ora, as práticas de lazer são expressões da criatividade humana e enquanto manifestação das capacidades dos atores sociais de construir suas existências a partir de múltiplas expressões, socialmente referenciadas, sem que necessariamente estejam

relacionadas à categoria trabalho, ou a uma lógica estritamente racional, tal como defendem autores ortodoxos.

No dia a dia da Ramada, muitas são as atividades de lazer exercidas por parte considerável dos interlocutores com os quais conversamos durante a pesquisa: visitar amigos e familiares em ruas adjacentes para conversar, ir à igreja e posteriormente sair para comer coxinhas e tomar refrigerantes em quitandas ou pastelarias, jogar vôlei em quadra de areia feita por jovens em umas das ruas, segundo nos relatou Rafaela; assistir filmes, novelas e programas religiosos, brincar de bicicletas nas ruas da comunidade, jogar futebol durante as tardes da semana e/ou aos sábados e domingos no campo de várzea da localidade, beber no bar com amigos, jogar dominó, etc.

Apesar da lista de atividades de lazer relacionadas por nossos interlocutores, quando indagados sobre elas, muitos afirmaram que na Ramada não se tinha nada pra fazer e que quando queriam ter algum lazer, iam procurar fora da comunidade. Alguns citaram às idas ao Parque de Bodocongó, recém-inaugurado no bairro vizinho; outros mencionaram que se deslocavam até o shopping da cidade ou iam pescar em cidades próximas à cidade de Campina Grande. Obviamente, tais revelações se manifestam com base em percepções idealizadas do que seja lazer ou se concentram na constatação da inexistência de locais públicos dedicados às atividades de lazer, a exemplo de praças, parques, quadras de esporte, como já mencionado. Há de se considerar ainda, que muitas das negativas da existência de práticas de lazer na comunidade podem ter se baseado na ausência de preocupações em classificar as atividades como tal. Durante esse processo, por vezes, a palavra lazer parecia soar estranha, diferente, distante do uso habitual de muitos moradores. Inversamente, palavras como divertimento, “desaparecer” eram habituais em suas manifestações linguísticas.

As práticas e percepções dos moradores variam conforme a idade, gênero, grupos aos quais pertencem, etc. A jovem Rafaela, por exemplo, universitária, começou a circular mais pela cidade depois que iniciou o curso universitário de Pedagogia. Num dos momentos de sua entrevista, numa clara comparação com outros ambientes fora da comunidade, ela afirmou que “no bairro mesmo **não tem nada** pra crianças, pra jovens. Não tem nada pra adulto. **Até uma lanchonete** que tem. A única mesmo, **não tem nada de encher os olhos** e dizer nossa, vamos sair de casa hoje à noite e vamos fazer tal coisa”.

A juventude da Ramadinha, entendida a partir de suas singularidades de gênero, políticas, de representações e situações que enfrentam no cotidiano, é uma boa amostra

das juventudes brasileiras, especialmente àquelas que vivem em situação de pobreza e precariedade nas periferias brasileiras. É importante não perder de vista o fato que “na verdade, a juventude aparece socialmente dividida em função dos seus interesses, das suas origens sociais, das suas perspectivas e aspirações”. (PAIS, 1990:149).

Como ilustração dessa divisão de interesses, percepções e práticas, no caso da Ramadinha, vemos que ali os jovens, em especial os do gênero masculino, circulam com mais liberdade pelas ruas do bairro do que as do gênero feminino. Em alguns relatos, jovens moças afirmaram que sempre que iam à lanchonete, por exemplo, preferiam ter a companhia dos irmãos ou namorados ou mesmo ir com amigas, em grupo. Entre os jovens do gênero masculino as diferenças também se produzem. Rodolfo, um dos nossos interlocutores, recém-casado e pai de um filho, disse que antes costumava jogar futebol nos campos de pelada e circular pelas ruas da comunidade, ocasiões essas nas quais jogava baralho, dominó e sinuca com seus amigos, mas na atualidade se sente desestimulado a fazer isso. Hoje, os jogos de futebol ficam restritos à pelada na empresa na qual trabalha e as idas à lanchonete da favela foram substituídas por pedidos feitos por telefone para lancha em casa. Já Bernardo, solteiro, gosta de ficar em casa para assistir séries, filmes e documentários. Antes, gostava de jogar bola e ficar conversando com amigos nas ruas.

Na fala de ambos, a menor circulação pelas ruas da Ramadinha está diretamente vinculada à percepção do aumento de notícias sobre violência na localidade. Interessante observar nos relatos dos interlocutores, que esse quadro de percepções mudou nos últimos anos, aparentemente em estreita relação com a inserção no mundo do trabalho e com o “aumento” das responsabilidades junto às respectivas famílias. Como já indicamos, as percepções da violência interferem não apenas na circulação dos jovens, mas também nos deslocamentos de crianças e adultos nas ruas da Ramadinha e, por conseguinte influenciam as práticas de sociabilidades e de lazer que ali se desenrolam.

Redes de interação, voluntariado e lazer

Uma das constatações que mais nos impactaram durante a realização do trabalho de campo na comunidade da Ramadinha foi perceber a existência de redes de interação entre os moradores que tem influência direta sobre as atividades de lazer realizadas com regularidade na comunidade. Nas entrevistas gravadas com os moradores, além de inúmeras conversas informais com tantos outros moradores, as de Leandra e Simão nos

revelaram os fios iniciais de uma vasta rede composta por amigos, familiares e pessoas que se conhecem e atuam juntas ou individualmente na promoção de atividades de lazer. As entrevistas foram solicitadas e realizadas com esses dois personagens da comunidade seguindo uma prática comum nas pesquisas etnográficas, que recomendam sempre que possível, entrevistar as lideranças locais, cujo “conhecimento” e extensão das relações podem ajudar o pesquisador a identificar atores sociais os mais diversos, bem como pode nos levar o pesquisador a “descobrir” a existência de eventos singulares.

Chegamos até Leandra, uma de nossas primeiras entrevistadas, por essa ser presidente do Clube de Mães e a Simão por ser morador antigo e dono do principal mercadinho da Ramadinha. Simão tem sessenta e seis anos e reside há trinta e seis na Ramada. Ele organizou a quadrilha junina do Xerém durante muitos anos e manteve escolhinhas de futebol para crianças de ambos os gêneros entre os anos de 2014 e 2017. Seu Simão contratou um professor que treinava as crianças. Segundo ele, as únicas exigências eram que as mesmas frequentassem a escola e tivessem boas notas. Ele organizou campeonatos de futebol no bairro e manteve dois times na localidade: Portuguesa e Flamengo. A crise financeira dos últimos anos afetou os planos de manutenção da escolinha de futebol, já o fim dos campos de futebol nos quais os peladeiros e crianças jogavam foi ocasionado por causa da construção do Conjunto Habitacional João Paulo II ao lado da Ramadinha. Mesmo assim, seu Simão alugou os serviços de um trator e aplainou um terreno abaixo de linhas de transmissão de energia que cortam a comunidade, para servir de campo, onde atualmente os times de futebol jogam nos finais de semana, especialmente aos domingos, começando com o “racha dos velhos” às 5h da manhã. Além disso, durante as tardes da semana, de segunda à sexta-feira, o lugar serve de espaço para vários grupos de jovens “baterem pelada”.

Indagado sobre quais as razões pelas quais tirava dinheiro do bolso para promover os eventos, Simão respondeu que por ser uma pessoa que tem uma situação financeira pouco mais confortável do que a maioria da localidade, esses eram meios que ele encontrava para proporcionar um pouco de lazer às pessoas e que, no caso da escolhinha, era uma maneira de afastar crianças dos caminhos da criminalidade. Ele nos revelou ainda que “seu maior desejo era ver uma área de lazer para os moradores: praça, escolhinhas para as crianças praticarem esportes, quadras”. Ao final da entrevista, Simão nos conduziu à parte interna de sua casa, nos fundos do mercadinho e nos mostrou, com orgulho, os troféus que os times por ele mantidos tinham ganhado nos campeonatos de futebol.

Durante a entrevista de dona Leandra, essa fez menção a um morador que considerava importante nessa teia relacional. Biu tem trinta e oito anos, dos quais trinta e dois foram passados na Ramadinha. Desde o ano de 2015 Bilzinho, como é conhecido na paragem, promove festa para cerca de trezentas crianças no dia 12 de outubro. Ele afirmou que “tudo começou dando um pacote de pipoca, ...aí com o tempo eu fui me organizando e o pessoal me ajudando, doando um pacote de pipoca, confeito e eu fui completando, alugando um brinquedo. Fiz quebra-panela, fiz tudo”. Segundo Bilzinho, essa vontade de “ajudar” começou quando ele se deu conta que ali ninguém fazia nada pelas crianças e então ele resolveu começar a festejar o dia delas. Tal como parcela considerável dos moradores da Ramadinha, a vida dele “não é fácil” do ponto de vista econômico, mesmo assim o servente de pedreiro afirma que reserva o dinheiro que recebe do PIS anualmente e complementa, além de contar com ajuda de pessoas da comunidade e da empresa na qual trabalha para realizar a festa. Durante a entrevista realizada, Bilzinho relatou um grande número de moradores que contribuem com pipoca, bombons, cachorro-quente, se voluntariando para fazer brincadeiras com as crianças, para organizar as filhas da distribuição de doces, etc.

Outro morador que realiza trabalho voluntário é Ananias, de 55 anos é. Ele mantém uma escola de Karaté gratuita há sete anos, funcionando duas vezes por semana no Clube de Mães. Ananias justifica como principal motivação para sua atividade noturna, mesmo depois de um dia de trabalho, como uma maneira que encontrou para tirar muita gente do caminho da marginalidade. No meio da entrevista, um jovem aluno relatou que era muito violento e chegou a brigar com um membro de igreja evangélica da qual participava durante o culto. Depois que começou a fazer aulas de karater, ele afirmou que passou a estar mais ciente de si e controlado.

O Presidente da Sociedade de Amigos do Bairro (SAB), Zico, também realiza trabalho voluntário. Durante algum tempo ele pagou um professor de Zumba para realizar aula na SAB. Depois, por causa das dificuldades financeiras, ele resolveu assumir o curso, passando a ser o professor com a ajuda de um DVD que dita os passos a ser seguidos por todos. Durante a pesquisa de campo, acompanhamos algumas aulas e colhemos os depoimentos de várias mulheres que afirmaram ter perdido peso graças às aulas de Zumba na SAB.

A rede de solidariedade entre os moradores da Ramadinha é grande e por vezes suas tramas são urdidas com base nas relações familiares. Simão é pai de Leandra, presidente do Clube de Mães. Ela é também esposa do professor voluntário de Karater,

Ananias. Igualmente, existem amigos que se juntam para ajudar outros na promoção de atividades, como é o caso de Bilzinho, que recebe o apoio de colegas de trabalho e da comunidade para a realização de sua empreitada.

Em paralelo a essas redes de voluntários, certamente existem outras ações de solidariedade que favorecem as práticas de lazer na Ramadilha. Movidas por iniciativas coletivas ou individuais, elas restam difusas e “invisíveis” para muitos. São formas de resistências às “duras” condições de existência cotidiana que os moradores da Ramada têm que enfrentar. Essas iniciativas trazem alento e prazer à vida daqueles que delas participam.

Conclusões

A Ramadilha só aparece de forma homogênea nos discursos midiáticos, quase sempre estigmatizadores dos moradores. No cotidiano, tal como a cidade, também esse recorte administrativo e geográfico da urbe campinense é marcado por diversas práticas de atores individuais e grupais distintos, que aos seus modos imprimem suas marcas no cotidiano: Jovens roqueiros, grupos de evangélicos conversando alegremente enquanto caminham em direção à igreja ou indo a um culto na residência de congregante de fé, praticantes de futebol de várzea, estudantes, casais de namorados, frequentadores assíduos ou esporádicos de lan houses, frequentadores de pastelarias e casas onde se vende salgados; famílias que ao final da tarde e durante a noite colocam suas cadeiras nas calçadas para jogar conversa fora com os vizinhos, enquanto crianças jogam bola de gude, futebol amarelinha sob os olhos vigilantes dos adultos; grupos de jovens subindo e descendo rua, fazendo arriação⁸, são alguns dos atores e atividades praticadas diariamente nos interstícios temporais e físicos da Ramadilha

As atividades de lazer que ali tem lugar não se restringem aos finais de semana, durante o repouso semanal dos trabalhadores. Ao contrário, são práticas cotidianas de lazer, realizadas por grupos diferentes, que obedecem a agendas específicas. Desse modo, no meio da semana a família comemora o aniversário do filho com os vizinhos e amigos próximos. Na terça-feira a noite, senhoras comem bolo, bolacha, salgado e bebem café, chás, sucos e refrigerantes, enquanto conversam animadamente sobre os dramas e as alegrias de suas vidas e de seus familiares, após a novena realizada na casa

⁸ Termo usado pra se referir a um conjunto de atividades lúdicas, entre as quais se divertir, paquerar, caminhar sem rumo predefinido pelas ruas do bairro, etc. O termo foi inicialmente registrado pela pesquisadora Mariana Cavalcanti em sua pesquisa na favela do Pedregal, em Campina Grande-PB.

de uma das participantes. Na noite da quarta-feira, após o culto evangélico, grupos de jovens seguem para a pastelaria, onde permanecem por longo tempo após a ingestão de salgados e refrigerantes. Na quinta a noite um morador da “rua de baixo” resolve fazer um churrasco, acompanhado de amigos, enquanto acompanha pela televisão o jogo do seu time de futebol preferido.

Às margens das políticas públicas estatais que “promovem” atividades de lazer na cidade de Campina Grande, esse quadro sinóptico dá uma ideia da maneira como as vidas pulsam em meio às atividades de lazer promovidas pelos moradores da Ramadinha.

Referências:

BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAILLOIS, Roger. Os jogos e os homens. A máscara e a vertigem, Pretópolis, RJ: Editora Vozes, 2017. (Col. Clássicos do jogo).

DUMAZEDIER, Joffre. Lazer e cultura popular, São Paulo: Editora Perspectiva, 1973 (Col. Debates Ciências Sociais)

GUTIERREZ, Gustavo Luis. Lazer e prazer. Questões metodológicas e alternativas políticas, Campinas, SP: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2001 (Col. Educação física e esportes)

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: jogo como elemento da cultura, São Paulo: Perspectiva. 2012 (Col. Estudos Filosofia)

IBGE. Censo Demográfico 2010 Aglomerados subnormais Primeiros resultados, Rio de Janeiro, 2010.

MAGNANI, Guilherme C. Festa no Pedaco. Cultura popular e lazer na cidade, 3ª Ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2003.

MAGNANI, Guilherme C. Quando o campo é a cidade: Fazendo antropologia na Métropole in Na metrópole: textos de antropologia urbana, 3. ed. São Paulo: Edusp/FAPESP, 2008. pp. 12-53.

MARCUSE, Herbert. Eros e Civilização, Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan.1981.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude - alguns contributos IN Análise Social, vol XXV (105-106), 1990 (1º, 2º), 139-165.

SIMMEL, Georg. Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e sociedade. In Mirand a, Orlando de. Para ler Ferdinand Tönnies. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 1995a. p. 231-352

VALLADARES, Licia do Prado. A invenção da favela. Do mito de origem a favela.com, Rio de Janeiro: Editora FGC, 2005.

WEBER, Max. Conceitos básicos de Sociologia. São Paulo: Editora Moraes, 1987.